

Reflexões para a análise da violência verbal*

Patrick Charaudeau*

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o modo de abordar a análise da violência verbal. Há violências de todo tipo, dirigidas a todo tipo de pessoas. Em uma disciplina de *corpus*, como as Ciências da Linguagem, o estudo de uma questão implica começar por uma exploração do material da linguagem a partir do qual será construído o *corpus*. Trata-se de observar o que se diz na mídia, o que circula nas redes sociais, *blogs*, fóruns, *tweets*, etc. e o que se ouve nas conversas, a fim de registrar o que se chama de *discurso ordinário*. Estudos sobre a violência verbal, considerando as situações de comunicação, a identidade dos atores e o contexto cultural, deveriam permitir evitar globalizar o fenômeno, mesclar as situações de emprego, fazer julgamentos generalizantes a partir de casos particulares. Esses estudos deveriam permitir compreender melhor o que acontece nas relações sociais e nas relações de força que as permeiam, relações de força constitutivas da identidade dos indivíduos.

Palavras-chave: Violência verbal. Mídias. Discurso ordinário. Condições de produção. Ato de linguagem.

Há violências de todo tipo, dirigidas a todo tipo de pessoas. Em uma disciplina de *corpus*, como as Ciências da Linguagem, o estudo de uma questão implica começar por uma exploração do material da linguagem a partir do qual será construído o *corpus*. Trata-se de observar o que se diz na mídia, o que circula nas redes sociais, *blogs*, fóruns, *tweets*, etc.¹ e o que se ouve nas conversas, a fim de registrar o que se chama de *discurso ordinário*.

Depois, como em toda atividade científica, interrogam-se os termos veiculados pela linguagem comum para transformá-los em noções ou conceitos² discriminantes que permitam estabelecer categorias, para evitar os procedimentos de essencialização que, com frequência, os discursos midiáticos

* Professor emérito da Universidade de Paris XIII (CNR-S-LCP-IRISSO); diretor-fundador do Centro de Análise do Discurso (CAD); pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e membro do Collège Iconique do Institut National de l'Audiovisuel (INA); fundador da teoria Semiolinguística de Análise do Discurso.

Data de submissão: ago. 2019 – Data de aceite: out. 2019

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i3.9916>

e militantes fazem. Por exemplo, um enunciado como “Violência contra as mulheres e as crianças nas sociedades modernas” globaliza um tema cujos atos são de natureza diferente. Convém, então, desconstruir essa questão a partir de diversos ângulos para reconstruí-la como objeto de estudo e propor uma análise. Portanto, este artigo propõe uma reflexão sobre o modo de abordar a análise da violência verbal.

O que diz o discurso ordinário

Percorrendo a mídia e a internet, observam-se declarações que denunciam a violência e revelam uma tomada de posição. Por exemplo, escreve-se que a violência verbal é uma violência “perversa”, que se inscreve em uma relação de dominação e que é utilizada como “instrumento de destruição”, transformando o outro em vítima:

A violência psicológica é uma violência diária. Todo dia, a vítima ouve injúrias, insultos, ameaças, depreciações. Todo dia, ela se abate um pouco mais. Moral e fisicamente. Quer o tom do agressor seja frio, desdenhoso e distante, quer grite, ele persegue um objetivo preciso: derrubar fisicamente sua vítima, reduzi-la a nada. E a vítima se abate (BUFFET, 2016, s. p.).

E se esclarece que ela “atinge principalmente as mulheres” (POCKET, 2016, s.p.). Entretanto, outros afirmam reconhecer a ambivalência das palavras cha-

madas de violentas, pois certos empregos podem produzir um efeito positivo:

Quem nunca disse “Que idiota!” ao seu/à sua melhor amigo(a)? Entre amigos, os palavrões podem ser uma demonstração de afeição, uma implicância, significando apenas “Que bobagem!”, “Você me mata de rir!”. É uma linguagem codificada, impessoal, um sinal de amizade, só para rir. Conforme o vínculo entre as pessoas, o tom empregado e o contexto, os insultos não visam forçosamente a magoar. Podem até ser apelidos afetivos! (FILSANTÉJEUNES, 2015, s. p.).

Nas conversas, ouvem-se observações que ora denotam a incompreensão do locutor quanto ao efeito ofensivo que ele produziu (“Não vejo o que isso tem de insultante”), ora justificam o ato de insulto (“Acertei em cheio!”, “Era o único jeito de calar a boca dele”), ora, ainda, o ressaltam (“Viste como ele o trata?”). Convém, portanto, questionar o próprio conceito de violência e as maneiras de abordá-lo.

Da violência em geral. Algumas reflexões

A violência, em geral, e a violência verbal em particular não datam de hoje. Desde Homero, e provavelmente antes dele, a História é pontuada por esses momentos de irrupção, de explosão contra outrem. E insultos foram ditos em todas as épocas, sinal de que insultar é humano. Voltaremos a isso. Primeiro é preciso verificar se o termo violência

pode ser considerado como uma noção genérica em relação ao que pode ser uma agressão. Depois, deve-se distinguir violência física e violência verbal. Enfim, avaliar se é possível julgar a força dos atos de insulto.

Violência e agressão

Em sua origem, “violência” está ligada à força física exercida contra alguém (*vis, vires*), à *potência* e à *intensidade* da ação (“tempestade violenta”, “morte violenta), e, por extensão, ao que é *excessivo*, exagerado (“É um pouco violento”). O termo “agressão”, que lhe é associado, vem do latim *agressio*, o qual se origina de *gradus*, que significa *passo, avanço*; sob a influência do grego militar, *ataque*, implica, portanto, um *agressor* e um *agredido*.

Já se percebe a diferença: “violência” designa um estado global marcado pela força e pela potência de diversas ações, e aquele que sofre a violência pode ser considerado uma vítima; “agressão” designa um ato concreto singular, um ataque físico ou psicológico direcionado, que implica um agressor e um agredido. O extrato a seguir, de um texto publicado em um jornal, é um exemplo: “O vídeo da agressão, que circulou nas redes sociais, é um exemplo do estado paroxístico da violência nos estabelecimentos escolares.” E um pouco mais adiante:

A impossibilidade de fazer fila no pátio, os gritos nas escadas, a violência dos alunos entre si, física ou verbal, a falta de civilidade geral são exemplos da violência com que o professor se confronta. Contra a violência da regra se choca a violência dos alunos. Há, portanto, um entrelaço das violências constitutivas do contexto escolar (FEREZ, 2018, s.p.).

Afirmamos, portanto, que a diferença entre a noção de *violência* e a de *agressão* não é de genérico a específico, mas de global a singular, pois a primeira inclui a segunda.

Não confundir violência e relação de dominação

Convém também não confundir *violência* e *relação de dominação*. “O assédio sexual é uma violência fundada em relações de dominação e de intimidação, que pode se dar no local de trabalho, mas também em outros meios (associativo, esportivo, universitário, no contexto das tratativas para alugar um imóvel, etc.)”³, declara a Secretária de Estado da Igualdade entre as Mulheres e os Homens, da França. Podemos, primeiramente, nos perguntar se a relação de dominação é causa ou consequência do ato de violência. Em seguida, observemos que não se deve confundir *relação de força* e *relação de dominação*. Postulamos que as relações entre os indivíduos que vivem em sociedade se inscrevem em *relações de força*, na medida em que cada indivíduo constrói sua identidade com ou contra

uma diferença, no caso, a identidade do outro, o que o leva a rejeitar, até eliminar o outro por sua diferença, ou a tentar dominar essa diferença por meio de discursos de sedução ou de persuasão (CHARAUDEAU, 2009). Assim, as relações entre os indivíduos que vivem em sociedade são ora de interação igualitária, ora de interação hierárquica, ora de solidariedade, ou outros tipos de força. Já as relações de dominação não são nem uma fatalidade nem o fundamento das relações sociais. Em contrapartida, são um dos meios de realizar a relação de forças correspondente ao desejo de submeter, controlar o outro, obter dele algo contra sua vontade. E isso pode ser feito de diversas maneiras: pela ameaça, emprego da força, ou, mais sutilmente, pela sedução e pela busca do consentimento do outro. A violência não é uma finalidade em si. Além disso, não se deve perder de vista que a relação de dominação e seus meios podem inverter a relação de força em uma reciprocidade de combate.

Distinguir violência física e violência verbal

Do ponto de vista de uma análise discursiva, é necessário distinguir violência física e violência verbal.

A *violência física* tange a atos de comportamento gestual que, pelo emprego da força, causam um dano ao corpo daquele que a sofre e que se torna *vítima*

graças a esse ato. A vítima não precisa interpretar o ato em questão, não precisa opinar sobre o resultado dessa ação, pois é na própria instância dessa ação que ela se torna vítima. Julga-se a violência física pelo resultado: um dano sofrido por um corpo (ferimento ou morte), do qual a pessoa se torna vítima pelo ato em si. O que cabe, então, ao juiz é constatar o estado do agredido e determinar a responsabilidade do agressor. Foi o caso do cantor francês Bertrand Cantat, considerado culpado por ter provocado a morte de sua amante, a atriz Marie Trintignant, em uma briga de casal.

A *violência verbal* vem de um ato de linguagem que se manifesta pelo emprego de certas palavras, estruturas ou expressões capazes de ferir psicologicamente uma pessoa, presente ou ausente, diretamente dirigida ou em posição de terceiro. Mas, como para qualquer outro ato de linguagem, o sentido do ato de agressão verbal e seu impacto dependem da interpretação do receptor. Pode acontecer de a pessoa visada por esse ato verbal não se sentir nem atingida nem ferida. Diferentemente da violência física que constituiu a vítima na própria instância do ato, a violência verbal precisa, para sua qualificação, da reação de alguém que sentirá, avaliará, julgará o ato de linguagem que lhe é dirigido (ou dirigido a outro) como ferino, ofensivo ou indiferente. Esse outro pode até desqualificar o ato de agressão verbal,

retribuí-lo a seu agressor, entrando em uma relação polêmica. A violência física pode levar a um combate corporal; a violência verbal pode originar um combate de palavras.

Seja como for, nada permite afirmar, como acontece com certos textos, que a violência verbal “fere mais do que seu equivalente físico, que é pior do que a violência física porque é mais sutil, mais refinada, mais penetrante” (NASR, 2009, s.p.). Deveríamos perguntar àqueles que sofreram agressões físicas e verbais se as primeiras feriram menos do que as outras. Nenhuma estatística possibilita afirmar isso em relação aos alvos possíveis: mulheres, crianças e empregados. Mas é verdade que as disputas entre homens, entre mulheres, entre homem e mulher, podem ser acompanhadas de qualificativos que não pertencem à categoria dos insultos e ofensas, mas que são igualmente ferinos. Em outras palavras, a violência verbal funciona em uma relação de alteridade, entre um *Eu* agressor – voluntário ou não, consciente ou não – e um *alvo*, possível vítima, conforme sua reação. Nas relações de força expressas pela linguagem, o outro só é vítima quando se considera vítima. Os indivíduos, homem ou mulher, agredidos verbalmente não estão fadados a se considerarem vítimas. A violência física provoca danos ao corpo (e consequentemente à mente), a violência verbal, à mente⁴. Existem situações de vida

que são também consideradas de fato como uma violência, sem que se possa falar de um ato voluntário de agressão e que causam danos tanto psicológicos quanto físicos. São as catástrofes naturais, mas também as situações sociais de precariedade, de pobreza em razão de uma determinada política econômica e empresarial: os *coletes amarelos* franceses, por exemplo, dizem sofrer a violência da política do governo porque ela ignora sua existência, os despreza, atinge sua dignidade e torna sua vida cotidiana insuportável porque suprime seu poder de compra. Buscando justificar os momentos de violência de seu movimento, alguns declaram: “A guilhotina é violenta, é verdade, mas isso corresponde à violência que nós sofremos”⁵.

Quanto a qualificar a violência verbal de “sedução perversa”⁶, considero problemático. Primeiro, porque a própria noção de *perversidade* é objeto de diversas definições e de discussão tanto no campo psiquiátrico quanto jurídico. Se a perversão é, entre outras coisas, uma conduta amoral desviante em relação a um objetivo manifesto visando a um outro, na ambiguidade, nem toda fala de sedução é necessariamente perversa. Ela se mostra claramente como fala de sedução. Depois, porque o ato de violência verbal pode ser ocasional sem que isso denote uma patologia daquele que o comete.

Por fim, deve-se considerar que, na medida em que visa a satisfazer um estado de insatisfação de seu autor ao buscar ferir alguém, o ato de agressão verbal não tange apenas às mulheres, pois os homens também podem ser o alvo desses atos. Críticas virulentas podem ser percebidas como estigmatizações violentas. Em uma entrevista, o técnico da equipe francesa de futebol Didier Deschamps fala das críticas feitas contra ele: “Hoje em dia, a gente tem que lidar com uma escalada de agressividade verbal. Algumas pessoas são capazes de dizer uma coisa hoje e o contrário vinte e quatro horas depois.”⁷ Além disso, picharam sua casa com a palavra “racista”. Porém, não se trata de negar que as agressões verbais possam provocar sofrimento psicológico⁸. As palavras não são inocentes, mesmo que não matem, elas podem ferir mortalmente⁹.

As palavras e as noções

Ao percorrer os textos que empregam as palavras *insulto*, *injúria*, *ultraje*, *ofensa*, *difamação*, *blasfêmia*, *invektiva*, constata-se que nem sempre é fácil distingui-las semanticamente. Alguns as empregam de modo mais ou menos equivalente, outros tentam estabelecer distinções (CHASTAING, 1980). Os dicionários em geral as definem umas em relação às outras ou fazendo remissões. Na área do Direito, basta consultar a

jurisprudência¹⁰ para constatar a dificuldade de diferenciar *insulto*, *ultraje*, *difamação*, *denúncia caluniosa*, *ameaças*, *ruídos ou barulhos injuriosos ou noturnos*, *atentado aos bons costumes*. Mas não trataremos aqui desse aspecto jurídico bem delicado.

Em uma pequena obra dedicada ao insulto¹¹, Laurence Rosier (2006) faz uma boa varredura das diferentes definições e casos de insultos, com inúmeros exemplos extraídos de épocas e de situações diferentes, mostrando que o efeito do insulto depende de fato da situação de comunicação. Porém, muitas questões permanecem em aberto. Vamos tentar oferecer aqui alguns esclarecimentos sobre os campos semânticos dessas palavras e propor traços pertinentes de distinção entre essas noções.

*Insulte > insulter; injure > injurier; juron > jurer**

O *insulte* [insulto/ofensa], que a partir de sua origem latina (*insult*, *insultus*) compreende os sentidos de *levante* e *insurreição*, e o verbo *insulter*, o sentido de *ataque*, acabou assumindo o de *ataque verbal* a uma pessoa¹². Portanto, ele é, por definição, orientado para um alvo, que é denegrido; em francês, a expressão matriz é “*espèce de...*” [espécie de.../... da pior espécie de...], ou “*sale...*” [nojento/baita...]. O verbo *insulter* designa então o ato pelo qual um sujeito falante ataca

verbalmente outro, que pode ser o próprio interlocutor ou um terceiro.

A injure [injúria/ofensa] se assemelha ao *juron* [imprecação], mas se distingue dele. Origina-se no ato de *jurer* [jurar], que significava “prestar juramento” e, posteriormente, “apelar para uma autoridade sagrada”, correspondente a um *Terceiro simbólico sagrado* (Deus), para afirmar a verdade: “Eu juro que é verdade, Deus é minha testemunha”. Depois ele derivou paralelamente para uma invocação sacrílega, primeiro com nomes sagrados (“*Nom de Dieu*” [Deus do céu]) e, em um contexto secularizado, com palavras mais ou menos escatológicas (*Merde* [merda]). Portanto, o *juron* não se dirige diretamente a um interlocutor. As interjeições “Merda!”, “Deus do céu!”, *Putain / con*!* [Porra!/Idiota!], “¡Coño!” procedem de um ato pulsional de liberação da raiva (ou outro sentimento) do sujeito falante, ato que remete apenas ao próprio sujeito, a ponto de qualificar seu *ethos* de grosseiro, vulgar, indecente.

Injure e *injurier* [injuriar/ofender], em contrapartida, constituem uma imprecação contra alguém. É um ato de linguagem que se dirige a uma pessoa, presente ou ausente, de maneira direta ou indireta, que supostamente atinge nela algo que tange à sua dignidade ou integridade moral¹³. Os substantivos *insulte* e *injure* são frequentemente empregados de modo equivalente e alternativo: “injuria-se alguém” assim como

“insulta-se alguém”. Entretanto, pode-se perceber aqui uma leve diferença, na medida em que o *insulte* visaria mais as pessoas em uma de suas particularidades psicológicas, enquanto a *injure* atingiria mais o pertencimento da pessoa a um grupo étnico, religioso, sexuado (insulto racista, antisemita, sexista). Mas raramente se faz a distinção.

Resta saber se o *juron* pode produzir um efeito de violência sobre o interlocutor. Uma exclamação como “Que merda! Você poderia ter ficado quieto!”^{*} revela, com certeza, a indignação daquele que a profere, mas também terá o efeito de uma acusação contra o interlocutor, reforçada pelo *juron* aparentemente não direcionado.

Outrage > outrager; offense > offenser; diffamation > diffamer; blasphème > blasphémer

Outrage [ultraje], que vem de *outr*, do latim *ultra*, e significa *o que vai além, ultrapassa o limite*, assumiu nos romances de cavalaria da Idade Média o sentido *daquilo que atinge a honra*, porque ultrapassa os códigos com um valor simbólico. Portanto, por extensão, vai além da pessoa e atinge um título, uma função, um comportamento ou um objeto com valor simbólico: “*outrage** ao chefe de Estado, a magistrado, aos bons costumes”. *Faire outrage* [ultrajar] é então o ato pelo qual se atinge um símbolo

por meio de uma pessoa, um grupo ou um objeto que os representam: *outrage* à bandeira, ao hino nacional¹⁴, ato que pode ser reprimido pela lei. O *outrage* tem um emprego específico.

A *offense* [ofensa/injúria] é próxima do *outrage*, porque na França, por exemplo, existe juridicamente um delito de *offense* ao Presidente da República (BEAUMONTIN, 2008, p. 76). Porém, distingue-se dele por ter um emprego mais extensivo. Em sua etimologia, a palavra significa, de modo geral, o que “bate” no outro, “choca” e o “atinge” de alguma maneira. E ainda que, desde os primeiros textos, ela assuma o sentido moderno de “ferir alguém em sua honra”¹⁵, é empregada com um sentido próximo do insulto: “Você está ofendendo-o!”, “Isso é um insulto!”, tendo o termo “honra” perdido a força que tinha no período clássico. Então, o verbo *offenser* designará o ato que atinge a dignidade de alguém em algum aspecto de sua pessoa. Porém, mesmo que a frase “Você está me ofendendo” seja empregada muitas vezes de modo equivalente a “Você está me insultando”*, não se deve perder de vista que, juridicamente, o verbo é associado a *outrage*.

Blasphème [blasfêmia] se encontra nesse mesmo campo semântico, pois, como o *juron*, a palavra tem como alvo um poder superior sagrado. *Blasphémer*, ou pronunciar uma blasfêmia, é culpar Deus ou ir contra sua vontade. Vê-se a diferença da *diffamation* [difamação],

visto que esta pode implicar qualquer pessoa ou grupo de seres humanos, enquanto a blasfêmia é reservada ao campo religioso. Pelo ato de blasfemar, o alvo é sempre um poder divino, sagrado, e é enquanto objeto de adoração sagrada por um grupo social que o ato recai sobre os membros desse grupo. Em alguns países, a blasfêmia está inscrita no código penal como delito; não é o caso da França¹⁶.

Diffamation e *diffamer* [difamação, difamar] significam, em sua origem latina, divulgar negativamente. A *fama* é o boato, o rumor e, depois, a reputação, e o prefixo *dis-* inverte seu sentido de modo negativo. Isso que faz com que a *diffamation* seja a má reputação que se divulga de uma pessoa, e *diffamer*, significa atingir sua reputação. A *calomnie* [calúnia] é da mesma ordem, mas com a precisão de que “a acusação verbal é mentirosa”¹⁷. *Diffamer* às vezes é empregado alternadamente com *outrager*, mas a força de seu ataque simbólico é menor. É por essa razão que apenas *diffamer* é usado em algumas legislações (França) e não *blasphémer*, que atinge o sagrado.

A *invective* [invectiva] encerra dois sentidos em sua origem: “discurso violento” (do latim *invectivae orationes*) e “enfurecer-se contra” (de *invectus*). Assim, o verbo *invectiver* é sobretudo empregado, em francês, de forma intransitiva, já que o emprego transitivo (“*invectiver quelqu’un*”) é considerado errôneo, embora usual¹⁸. A invectiva é empregada sobre-

tudo nos debates literários, filosóficos e intelectuais, e indica fortes divergências que visam o parceiro da discussão, considerado como um adversário, por meio de ataques pessoais, transformando esses debates em polêmica¹⁹. Por exemplo, a polêmica ocorrida numa controvérsia entre dois especialistas do Islã: um censura o outro por “sua arrogância intelectual”, ao passo que ele “[...] desconhece a realidade social”; o outro trata o primeiro de “Rastignac profissional de alto nível”. Mas, fora desses campos de interação, que às vezes podem ser violentos por meio de panfletos, a invectiva, nas conversas ou discussões entre “pessoas comuns”, não tem a mesma força dos termos acima definidos.

Então, não se sabe que termo escolher como genérico para indicar uma agressão verbal de qualquer natureza. *Outrage*, *blasphème* e *diffamation* são específicos demais. Poderia ser *offense* (“*faire offense à quelqu’un*” [ofender alguém]), se não fosse escolhido pela jurisprudência como *outrage* à pessoa de um chefe de Estado. Além disso, esses termos são julgados em relação ao caráter simbólico da pessoa (o profeta) ou do objeto (a bandeira nacional) tomados como alvo. Em revanche, *insulte* e *injure* – que também podem ser empregados nesses mesmos contextos – não precisam ter essas características; inscrevem-se em um ato de qualificação performativa como resultado do próprio ato de insultar ou de ofender. Esses

termos poderiam ter *status* de noções genéricas, apesar de sua leve diferença, ainda mais porque são os mais empregados no uso, a ponto de substituírem muitas vezes os outros. Neste texto, empregaremos alternadamente insulto, injúria e ofensa.

As palavras ofensivas que não ofendem, e as palavras que ofendem sem dizer

A violência verbal pode se manifestar por gritos, voz alta e palavras empregadas em tonalidades diversas (das mais suaves às mais estridentes). Mas três questões surgem neste contexto: i) as palavras empregadas para ofender são violentas em si? ii) a violência verbal só se expressa por meio de palavras violentas? iii) pode-se determinar a força da violência das palavras?

As palavras violentas nem sempre são insultantes

Palavras que são elencadas como grosseiras (GUIRAUD, 1975) só se tornam violentas por meio de seu emprego: “*merde, salaud, nègre, putain, bâtard*” [merda, nojento, negro, puta, bastardo] são nomes ou qualificativos que designam objetos, pessoas ou características que lhes são próprias, em uma polarização positiva ou negativa, mas não têm

necessariamente um efeito ofensivo. Passam a tê-lo quando aplicadas a uma pessoa com a intenção de estigmatizar. É claro que algumas palavras surgiram no próprio movimento da estigmatização (“*bougnoule, nègre, con, salope*” [mestiço/negro, idiota, vagabunda), mas, seja como for, é sempre pelo emprego que o valor ofensivo ou afetivo pode ser avaliado.

De fato, conhecemos também o contrário: “Ah, seu danado, faz tempo que a gente não se vê!”, dito para um amigo querido; “Venha aqui, sua carinha feia!”, dirigido por uma mãe ao filho sujo de chocolate; “Escute, fedelhinho”*, dito com um sorriso por um adulto a um jovem; “*Putains, con!*”, recorrentes na linguagem do sudoeste da França. E também na canção, como *La ronde des jurons**, cantada e reivindicada com afeição por George Brassens.

Todavia, também é verdade que algumas dessas palavras não se prestam a essa mudança de polaridade, predisposição que depende, aliás, dos grupos sociais e das gerações. Por exemplo, certos grupos de jovens de nossa época podem se tratar de *bâtard* como marca de amizade, embora esse qualificativo atribuído a uma pessoa possa ser muito humilhante. Em compensação, não se ouvirá o termo *pédé* [pederasta] com essa mesma intenção. Há palavras que conservam, em si, uma forte carga semântica negativa que impede seu uso com

um efeito positivo: *connard, connasse, enculé, poufiasse* [imbecil, idiota, fodido, bruuaca] não podem ser transpostas com facilidade...

Não se insulta somente com palavras grosseiras e violentas

Contata-se, de fato, que palavras aparentemente *neutras* do ponto de vista de sua valência podem ser empregadas em contextos que as levam a expressar ameaça, acusação, depreciação ou humilhação. Portanto, elas podem adquirir contextualmente um efeito violento. Dizer frases como “Você não mudará, será sempre igual!”, “Não enxerga nada na sua frente”, “Você só sabe repetir a mesma coisa!”, “Você não sabe se comportar!”, ou ainda, “Isso é uma traição, é um roubo!”* pode ser tão humilhante quanto chamar alguém de “*Connard!*”, “*Sale con!*”, ou “*Salope!*”. Os *blogs* estão cheios de testemunhos de pessoas que relatam ter tido sua *auto-estima* ferida por frases aparentemente anódinas: “Você não serve para nada!”, “Que roupa é esta?”, “A culpa é sua, não tem domínio da turma!”, “Como será que você conseguiu este posto?”. Do mesmo modo em relação a crianças, com observações do tipo: “Como é que eu fiz um filho assim?”, “Você sempre foi mais lerdo do que sua irmã”; “Você é impossível! Se eu soubesse, não teria tido filhos”²⁰.

Assim como acontece com a polidez, há diferentes maneiras de se expressar, que não se manifestam apenas quando se empregam palavras codificadas. Do mesmo modo que a expressão “bom dia” não basta para se mostrar polido²¹, o emprego de uma palavra grosseira ou insultante não é o único jeito de se mostrar violento, visto que, conforme o contexto e a situação de comunicação, essas palavras podem ter um efeito afetivo. *A contrario*, dizer “Você é como todas as mulheres” é igualmente humilhante, mesmo sem o emprego de palavras violentas. E o simples uso de uma palavra que designa uma categoria social pode denegrir quando se faz alusão ao sentido estereotipado que ela veicula para certas pessoas: basta dizer “Isso é bem de professor, de intelectual, de político, de policial, de colono, de burguês, de comerciante” para que se compreenda que a palavra tem uma conotação negativa.

Da mesma maneira, conhecemos uma lista de palavras que, passando para o feminino, se transformam em insultos: uma “profissional”, uma “isca”*, uma “mulher pública”, uma “mulher fácil”. Porém, mais uma vez, para avaliar o efeito violento ou insultante, deve-se considerar o contexto de emprego, pois essas mesmas palavras, no feminino, poderem ser ainda mais insultantes se atribuídas a alguém do sexo masculino.

Como avaliar a força de violência das palavras?

Não se pode atribuir *a priori* um grau de violência às palavras, pois, uma vez mais, a força das palavras depende, para seu efeito, dos contextos de emprego e daquele que as recebe. Por vezes, são as palavras que acompanham uma ofensa que dão o maior reforço: “*Sale crétin!*” [Cretino nojentol!] e “*Espèce de crétin!*” [Baita cretino!] serão mais violentas do que o simples “*Crétin!*”. A primeira (*sale*) orienta desde o início o qualificativo insultante para um pólo negativo. A segunda (*espèce de*) indica que a qualificação ofensiva atribuída ao interlocutor é apresentada de modo essencializante: processo de generalização que tende a classificar a pessoa alvo em uma categoria da qual ela não pode se apartar, como se a pessoa dissesse: “Isso é evidente”, “Não tem salvação”. Para Roland Barthes (1975, p. 88): “[...] a verdadeira violência é aquela do *isso-é-evidente*: o que é evidente é violento, mesmo que essa evidência seja representada suavemente, liberalmente, democraticamente; o ‘natural’ é, em suma, o *último dos ultrajes*”.

Às vezes, é aquele que recebe o insulto que avalia sua força. Por exemplo, um amigo me declara que aceita ser tratado de “*Con!*”, de “*Gros con!*” [Grande/Baita idiota!], de “*Sale con!*” [Idiota nojentol!], mas não suporta ser tratado de “*Petit con!*” [Idiotinha!], o qual, para ele, ex-

pressa o cúmulo do desprezo. Entretanto, um pai pode tratar seu filho de “*petit con*” sem que este se considere humilhado, ainda que isso dependa de sua relação. Em contrapartida, o contrário – um filho chamando o pai de “*petit con*” – será dificilmente percebido como amistoso. No entanto, já se ouviu filhos (meninos e meninas) chamando a mãe de “*maman casse-couilles*” [mãe pentelha] com ternura. Outro exemplo é o da magistrada francesa Françoise Martres, processada pelo “Painel dos idiotas”*, quando era presidente do sindicato. Ela declarou para se defender: “[...] não é a ignomínia de que sempre falam. E tampouco “idiotas” é a pior ofensa.”²²

Vemos que é difícil afirmar o grau de violência das diferentes expressões julgadas ofensivas, pois todo um conjunto de condições de produção do ato de linguagem, como em toda análise de discurso, deve ser levado em conta para avaliar a violência verbal. Insulto, injúria, zombaria, sarcasmo, ironia, mas também crítica, refutação ou censura podem ser considerados, e recebidos, conforme a situação e a identidade dos ouvintes, como um ato de falta de polidez ou de incivilidade, como um argumento *ad personam* visando a desqualificar o adversário em um jogo polêmico ritualizado, frequente nas interações políticas, ou como uma humilhação, até mesmo uma difamação. Dependerá da percepção do interlocutor se esses modos de expres-

são são um ataque contra sua pessoa, seu papel social ou seu grupo étnico.

São essas condições que vamos agora descrever: as condições relativas à situação interacional, as condições relativas ao que está em jogo na interação em termos contratuais e as condições relativas ao componente cultural.

As condições de produção e o contexto de estudo

As condições de produção

A violência verbal é um ato de linguagem e, como todo ato de linguagem, ele depende para sua significação: da *situação de comunicação* na qual interagem os interlocutores, o que implica conhecer sua identidade, o que está em jogo em sua interação e as circunstâncias materiais; chamo a isso de *contrato de comunicação*; da maneira como ele é *posto em cena*, ou seja, da situação de enunciação; do *valor social das palavras e fórmulas* inventadas e compartilhadas pela sociedade. Isso nos lembra que toda interação linguística deve ser interpretada em função das características socioculturais do grupo ao qual pertencem os parceiros da interação. Em relação à violência verbal, isso indica que ela não é revelada apenas pelas palavras e que deve ser considerada, para a análise de sua significação, a totalidade do ato de linguagem, no conjunto de suas condições de produção.

Levando em conta essas condições de produção, constata-se, ao observar os empregos de atos de linguagem identificados como violentos, que eles podem ser empregados em diferentes situações de interação. Esses atos não se relacionam, portanto, a um contrato de comunicação particular e tangem sobretudo a *estratégias discursivas*. Não existem situações que demandam, por convenção, ofensas. Seu emprego sempre resulta da escolha individual (calculada ou espontânea) do sujeito falante. São empregos sempre endereçados a alguém e que, de uma maneira ou outra, atingem a identidade (psicológica, social, moral) da pessoa ou do grupo alvo em sua dignidade ou integridade. Trata-se, neste caso, de *estratégias de captação* que visam a atingir a emoção do interlocutor de modo positivo ou negativo – nesse caso, negativo – para possuir ou dominar o interlocutor.

Além disso, como se sabe, não há simetria entre o sentido intencional do *Eu* sujeito falante e o sentido interpretado pelo *Tu* interlocutor, pois este constrói o sentido a partir do que é dito, em função de suas próprias referências. Em outras palavras, o *efeito visado* pelo *Eu* não corresponde necessariamente ao *efeito produzido* pelo *Tu*. A significação de um ato de linguagem é resultado de uma *co-construção* que se opera entre essas duas visadas. E, nesta questão, é exatamente o interlocutor quem decide, por meio de sua reação na situação de comunicação,

se o ato de linguagem que lhe é dirigido, ou que visa um terceiro, é um ato verbal violento ou não. Tratar alguém de “*salaud*” não é *a priori* uma ofensa apesar do valor social da palavra. Tudo depende de quem emprega a palavra, dirigida a quem, em quais circunstâncias, já que pode ser, como já vimos, um tratamento afetivo.

O contexto de estudo

Um estudo sobre a violência verbal deve levar em conta todas essas questões. Como a intenção do locutor e o efeito produzido sobre o interlocutor dependem de quem se dirige a quem, convém se interrogar sobre a natureza identitária dos parceiros da interação e a natureza da relação de interlocução na qual eles interagem. O ato ofensivo ou insultante ocorre entre três: um locutor que insulta, o interlocutor que o testemunha e o alvo que é insultado. Às vezes, interlocutor e alvo coincidem, o que é particularmente importante para avaliar a violência verbal. Além disso, as falas têm teor diferente se forem enunciadas em uma relação interpessoal entre dois indivíduos, ou seja, em um espaço privado, ou se proferidas a um conjunto de destinatários presentes ou ausentes, ou seja, em um espaço público.

a) A natureza identitária de pertencimento dos sujeitos envolvidos

Deve-se interrogar:

- o *status* social em relação com o direito à tomada de fala, o que determina se a relação instaurada entre os participantes da interação é de igualdade, hierarquia ou diferença. Isso pode se dar na hierarquia entre pais e filhos, empregador e empregado, professor e aluno, ou em qualquer posição de autoridade em face de um subalterno. Assim, o famoso “Cai fora, imbecil!”*, dito pelo presidente francês Nicolas Sarkozy a um homem que se recusou a apertar sua mão, dizendo: “Ah, não, não me toque! Você me suja!”, deve ser interpretado a partir do *status* de presidente da República e de um simples cidadão, nas circunstâncias de sua visita oficial ao Salão da Agricultura, em 23 de fevereiro de 2008. Vê-se bem que, se a relação fosse inversa, poderia ser um caso de injúria à função de Presidente da República, e não à simples pessoa.
- a *identidade sexual*: trata-se de uma interação entre homens, entre um homem que se dirige a uma mulher, uma mulher que se dirige a um homem? Será que um

homem chamar uma mulher de “*Salope!*” ou de “*Conne!*” é mais ou menos ofensivo que “*Salaud!*” ou “*Con!*”, dito por uma mulher a um homem? E isso deve ser correlacionado com o modo como essas identidades são reconhecidas e apreciadas em cada sociedade, o que leva a considerar as representações sociais e os estereótipos que circulam nos grupos sociais conforme sua cultura.

- a *faixa etária*: um adulto se dirigindo a uma criança, uma criança a um adulto, um idoso a um jovem, um jovem a um idoso. O que é mais ofensivo: um jovem dizer a uma pessoa idosa “*Vaza, velhinho!*”*, ou uma pessoa idosa tratar um jovem de “*Seu idiotinha!*”?*
- a *identidade nacional e/ou étnica* atingida por estereótipos que caricaturam certas particularidades dos grupos nacionais ou étnicos com palavras metafóricas, tais como as francesas *rital* para os italianos, *rosbif* para os ingleses, *boche* para os alemães, *bognoul* para os árabes, *yupins* para os judeus*. Essas palavras denigrem e marcam uma relação de superioridade/inferioridade que provoca o riso da assistência quando esta compartilha a identidade do locutor, criando

uma convivência de depreciação. Em contrapartida, seu emprego é ofensivo quando dirigidas diretamente ao interessado, sobretudo, como vimos, precedida de “*espèce de*”, que significa “Você é exatamente como todos aqueles de seu grupo” (de sua raça, de seu sexo, de sua idade, etc.). Trata-se daquilo que alguns chamam de “procedimento de especificidade” (LARGUECHE, 1983, p. 69), fundamento da ofensa racista: “A força da ofensa provém do fato de que ela pretende dar conta da *especificidade* do outro” (HUSTON, 1980, p. 94).

- a *identidade psicológica* (o que se chama em geral de temperamento), ou o estado em que se encontram os interlocutores, e em relação com as outras identidades acima descritas: um descontrole pessoal pode levar certos locutores a reagirem fortemente a qualquer situação; uma predisposição a retorquir sarcástica ou rudemente, invertendo assim a relação de forças, a menos que locutor e interlocutor se entendam para fazer graça. E também pode acontecer de o interlocutor alvo considerar que o insulto não o atinge, conforme as expressões consagradas: “Nem vi!”, “O que vem de baixo não me atinge”.

Lembremos do confronto verbal entre Ségolène Royale e Nicolas Sarkozy, durante o debate presidencial francês de 2007: a candidata expressou sua indignação em reação às declarações do rival, e ele replicou – “Você está se irritando!” –, indicando que ficar com raiva denota falta de controle pessoal e que, nessas condições, não se pode pretender dirigir um país. Ela então respondeu: “Absolutamente. Estou com raiva e há raivas perfeitamente saudáveis.”

b) A natureza da relação de interlocução

Todas essas identidades se combinam entre si, influenciam uma a outra e o valor da palavra empregada. Deve-se também observar em que situação de interação elas se inserem, com as palavras que carregam, particularmente o *modo de endereçamento* do locutor (*Eu*) para o interlocutor (*Tu*), levando em conta quem é o *alvo* do insulto e se este é visado por um endereçamento direto ou indireto na relação triangular *Eu-locutor, Tu-interlocutor, Ele-terceiro*. Vários modos de endereçamento podem existir:

- *Endereçado diretamente ao Tu-alvo*, com palavras *desabonadoras* ou *ofensivas*

O Tu-alvo se encontra confrontado. Pode ser um indivíduo (“Baita imbecil!”, “Idiota nojento!”), ou um grupo (“Bando de terroristas!”, “Bando de imbecis!”*). A

força da ofensa dependerá da identidade dos sujeitos envolvidos e do emprego das palavras. Durante o debate presidencial francês de 2012, o candidato Nicolas Sarkozy visou diretamente seu interlocutor, François Hollande, seja desqualificando suas declarações (“Chegar a dizer [...] que nós favorecemos os ricos é uma *calúnia*, uma *mentira*!”*), seja aplicando-lhe esses mesmos qualificativos (“Você é um *caluniador* de araque!”, “Não passa de um arrogante”, “olha o rei da virtude!”*)²³.

- *Endereçado diretamente ao Tu-alvo*, com palavras *não-ofensivas*, mas *desabonadoras*

Neste caso também, o Tu-alvo pode ser individual ou coletivo. Mas, ou as palavras escolhidas são apenas *desabonadoras* sem ser *ofensivas* (“Você é um incompetente!”*), ou recorre-se a diversos procedimentos que evitam empregar palavras insultantes, mas o jogo retórico (antífrase, eufemismo, ironia, sarcasmo) deixa entender a desqualificação vexatória: “Só podia ser você!”*, dito a uma criança que acaba de fazer uma bobagem, ou “Você não muda mesmo”*, a um jovem que repete o mesmo erro. Este diálogo em um bar parisiense mostra esse confronto dissimulado na qualificação vexatória:

- (o consumidor): “Um cafezinho pingado, por favor.”
- (o garçom): “Só servimos taças de café”.

- (o consumidor): “Você não pode trazer um cafezinho com um pouco de leite?”
- (o garçom): “O nome disso é *noiset*”.
- (o consumidor): “Muito obrigado. Graças a você, aprendi algo novo hoje.”

A última réplica do cliente mostra ao garçom sua desagradável falta de polidez, pois ele se coloca na posição de dar lições.

- *Endereçado indiretamente ao Tu-alvo*, com palavras *não-ofensivas*, *desabonadoras*

Trata-se dos casos em que o locutor, ao fingir desqualificar um terceiro ausente, ou pronunciar um julgamento negativo que parece ser geral, visa a mostrar ao interlocutor que é a ele que o julgamento se aplica. Por exemplo, em uma conversa, após declarações um tanto pedantes da parte do interlocutor, o locutor lança, sem parecer se endereçar a este: “Não gosto muito das pessoas pedantes”*, o que é uma maneira de dizer: “Para bom entender, basta!”*. Mais hipocritamente, pode ser visado um terceiro ausente que teria os mesmos defeitos que o interlocutor a quem se quer censurar. Por exemplo, sabendo que este tem um gosto pronunciado pelo esnobismo, lançar: “É como X. Ele é de um esnobismo detestável!”*. Porém, na maioria das vezes, como nas disputas políticas, o locutor visa o interlocutor colocando-o a distância com um tratamento

na terceira pessoa, o que é particularmente depreciativo. No debate presidencial de 2012, o candidato Nicolas Sarkozy, diante de François Hollande, recorreu com frequência a esse tratamento: “Eu ouvi o senhor Hollande. O que ele diz é bem clássico”; “Em primeiro lugar, o senhor Hollande conhece pouco a Europa [...]”; “Então, sobre o tratado, perdão, mas o senhor Hollande quer inventar a roda!”²⁴.

- *Não endereçado ao interlocutor, mas visando um terceiro-alvo, com palavras ofensivas ou desabonadoras*

Geralmente, o terceiro-alvo está ausente e não pode se sentir insultado salvo se lhe contarem. O interlocutor, indivíduo ou público, serve como testemunha e até mesmo é chamado a compartilhar o qualificativo em um movimento de concordância e de cumplicidade: A – “Ele é realmente um grande imbecil!”. B – “Você tem razão”; A – “Como alguém pode ser tão arrogante?”. B – “O que você quer? Ele se acha o rei do pedaço!”*. Nicolas Sarkozy, na época ministro do Interior, vaiado durante uma visita a um bairro da periferia, respondeu a uma mulher que o questionava: “A senhora está cheia dessa rale? Vamos livrá-la dela”*.

c) Fala pública/fala privada

Quando a interação de falas se faz entre duas ou várias pessoas, em um espaço que pode ser aberto (à mesa de

um Café), mas se julga que a conversa é do interesse apenas das pessoas envolvidas e não se destina a ser ouvida além daquele círculo, tem-se uma interlocução de ordem privada. Consequentemente, os participantes são os únicos a poderem resolver os problemas de mal-entendido, de incompreensão e, neste caso, as relações de força instauradas pela violência verbal. Em uma situação dessas, a violência verbal não pode passar por um tratamento público, a menos que seja relatada e divulgada nesse espaço. Isso acontece frequentemente entre a mídia e as personalidades políticas, quando os jornalistas tornam pública a fala dos entrevistados, proferida em *off*, com a garantia de sigilo.

A violência verbal pode se manifestar no espaço público, mas, para avaliar seu teor e efeito, deve-se considerar a natureza identitária do locutor, a do público ao qual ele se dirige e a da pessoa ou grupo visado. Nesse caso, a relação de forças que ela instaura pode ser objeto de queixas de pessoas ou grupos que se consideram vítimas de um ato de agressão verbal. Os tribunais recebem então as queixas das próprias vítimas ou de terceiros que as representam, tais como as diversas associações de defesa dos direitos e da dignidade dos indivíduos. A partir disso, os juízes precisam determinar a natureza da ofensa, pois a presença de um terceiro ou do público não basta para qualificar a injúria de

pública. É necessário que esse terceiro represente uma “comunidade de interesses” e que o insulto se dirija a um mandatário “encarregado de uma missão de serviço público no exercício de sua missão, e de natureza a atingir sua dignidade ou o respeito devido à função de que ele é investido”; ela pode então ser qualificada de *ultraje*²⁵. *Chamar alguém de “Ô colono!”**, como os motoristas parisienses gritam muitas vezes para os habitantes do interior, não pode ter o mesmo efeito da frase “Abaixo os habitantes rurais!” dita no Congresso (BLETON-RUGET, 2005, p. 93).

Um exemplo mostra o efeito da fala proferida no espaço público: numa entrevista na televisão²⁶, o perfumista Jean-Paul Guerlain declarou em resposta a uma pergunta sobre seu trabalho: “Então, eu me pus a trabalhar como um negro. Não sei se os negros trabalharam sempre, mas enfim...”*. Diversas associações francesas de defesa de direitos (Licra, MRAP, SOS Racismo) prestaram queixa e Guerlain foi condenado a pagar seis mil euros de multa por *insulto racial*²⁷. O Tribunal julgou que a segunda parte de sua declaração era um insulto porque, contrariamente à primeira parte composta de uma expressão idiomática, conferia à palavra “negro” um sentido estereotipado com ranço colonialista. Além do mais, considerou-se o fato de que a declaração fora emitida em praça pública por meio de uma entrevista na

televisão, o que seria diferente numa relação interpessoal.

Alguns casos de situações comunicativas

a) O caso do discurso político e o desvio populista

Uma das características do discurso político é a estigmatização do adversário e do mal que destrói a sociedade: “[...] a violência verbal é um dos ingredientes da vida política” (BOUCHET, 2005, p. 8), particularmente nos momentos de crise social ou política, e naqueles de conquista do poder, nas campanhas eleitorais. O discurso populista leva a seu extremo essa estigmatização, demonizando o adversário e fazendo do inimigo interno ou externo um bode expiatório. Na França, por muito tempo, eram os *judeus* e os *maçons*; agora são os *árabes* em sua qualidade de muçulmanos. Mas também podem ser, conforme os posicionamentos ideológicos, os social-comunistas, os capitalistas ou os fascistas, e para as tendências populistas, os políticos, os ricos e as elites em geral. Segue-se um discurso de ódio com emprego de qualificativos ou de expressões cuja violência equivale à situação na qual as falas são empregadas. De fato, certas expressões nada têm de ofensivas em si, mas passam a sê-lo em determinado contexto discursivo: é um chefe de Estado, ou ministro, caricaturado por meio de

desenhos e certas denominações, como aconteceu, em sua época, com o “Napoleão o pequeno”, de Victor Hugo, para designar Napoleão III²⁸; é toda a classe política qualificada como “Ninguém presta” e solicitada a “cair fora!”; são os imigrantes designados como “invasores” que querem “estuprar nossas mulheres e nossos filhos”; são as minorias (*gays*, feministas, defensores dos direitos humanos) taxadas de *lobbies* que destroem a sociedade; são os oligarcas financeiros, “os do capitalismo anônimo, os das transferências financeiras maciças da especulação, os das grandes multinacionais”.

Nessas condições, não é surpreendente que os debates políticos sejam marcados por uma grande violência verbal pontuada de sarcasmos. Já demos alguns exemplos e remetemos a certos estudos²⁹. Fizemos referência ao debate presidencial francês de 2012, quando Nicolas Sarkozy tratou François Hollande de “mentiroso”, “arrogante”, “caluniador”, “incompetente”, “hipócrita”, “rei da moral”, mas também podemos lembrar que Jean-Luc Mélenchon, na mesma campanha, tratou Marine Le Pen de “semidemente”, “burra e estúpida”, e Hollande, de “capitão de pedalinho”.

b) O caso do humor

Dois casos podem se apresentar: o humor em uma relação interpessoal, o humor em uma relação com o público,

no palco, ou por meio de textos e de caricaturas.

No primeiro caso, trata-se do uso de termos ofensivos ou desabonadores, seja visando a um terceiro, e nesse caso o interlocutor é convidado a ser cúmplice, seja visando o próprio interlocutor, e nesse caso este pode se sentir agredido. Como vimos anteriormente, ele pode se sentir atingido em sua identidade pessoal, social, étnica, religiosa, etc., mas em todas essas situações isso deverá ser interpretado como um ato humorístico que neutraliza o caráter violento da desqualificação. O interlocutor fica então na situação desconfortável de não poder levar o ataque a sério e de até mesmo rir (sorriso amarelo), ainda que seja atingido, entre movimento de cumplicidade e indignação. Mas como o endereçamento direto ofensivo é particularmente perturbador e pode levar à ruptura da conversação, o locutor recorre com frequência a formas de ironia: “Uma palavra sobre suas propostas. Você vai *criar* um banco público. *Formidável*, ele já existe!”*, lança Sarkozy a Hollande, no mesmo debate de 2012³⁰.

No segundo caso, as declarações feitas durante um espetáculo ou em uma obra qualquer estão protegidas pelo contrato humorístico, inclusive pela jurisprudência, que considera que, na maioria dos casos, não se deve interpretá-las ao pé da letra, liberando o autor da intenção de ferir (ADER, 2015). É o que se chama de

efeito catártico do humor. Por exemplo, o humorista francês Guy Bedos fez um esquete com Sophie Daumier intitulado *Férias em Marrakech*, no qual parecia estigmatizar os árabes, mas, na verdade, zombava dos turistas franceses; também em um espetáculo, ele chamou a deputada europeia Nadine Morano de “*Conne!*”; o humorista Pierre Desproges começou uma apresentação, dizendo “Me disseram que havia judeus na sala” e, depois, “Ainda ontem, os judeus tinham os lóbulos das orelhas caídos, os dedos e os narizes aduncos, e o pau de gola olímpica. Mas, hoje, eles operam o nariz e encurtam o nome para passarem despercebidos”; Gaspard Proust, palco: “Nas horas de pico do metrô, em Paris, a quantidade de vagabundas!! Bom, chega de falar de amor!”³¹ Essas tiradas poderiam ser consideradas racistas, ultrajantes, antissemitas e sexistas e, no entanto, esses humoristas profissionais não foram condenados graças ao contrato humorístico. Contudo, podemos nos questionar por que outros, nas mesmas situações, o foram. É que o juiz considera o conjunto das condições de produção³¹, pois as mesmas palavras pronunciadas pelo personagem mal-humorado de Tintin, Capitão Haddock, ou pelo cantor Brassens não serão vistas como ofensivas. Deve-se levar em conta o fato de que o contrato humorístico libera a fala e que ele é, por definição, um ato de transgressão; ele quebra o espelho das convenções sociais, rompe

os julgamentos dos bem-pensantes, faz voarem os estereótipos identitários e, como dizem certos humoristas, deve ser como “um soco na cara”³².

c) *Os casos de assédio*

Os casos de assédio são particularmente delicados de estudar, tanto no plano psicológico e moral quanto jurídico, se não se quiser essencializar o fenômeno. Em primeiro lugar, o assédio supõe que haja repetição insistente de atos ou falas, como define o dicionário francês: “asse-diar” é “submeter sem pausa a pequenos ataques reiterados, a rápidas investidas incessantes.”³³ Portanto, um único ato ou fala não pode ser considerado assédio. E, no caso do assédio verbal, um único insulto não pode constituir em si um assédio³⁴. Nesses casos, fala-se de agressão verbal. Em seguida, deve-se levar em conta os modos de assédio. Há assédios por exigir abusivamente de uma pessoa resultados no trabalho, por privar alguém sistematicamente de certos meios de ação, por obrigar uma pessoa a agir de um modo que ela reprova (HERTER, 2018). Muitas vezes, esses tipos de assédio são acompanhados de ameaças e de punições.

Assim ocorre com o *assédio na internet* por meio de certas redes sociais. Todavia, também nesse caso, cabe distinguir os discursos de propaganda e os discursos de assédio, para evitar classificar todas as declarações na mesma categoria.

Os discursos de ódio, de exclusão, de negacionismo, acompanhados de falas ofensivas, difamatórias, ultrajantes, ou de apologia ao terrorismo, de limpeza étnica, de eliminação de uma determinada categoria social, não se dirigem a ninguém em particular. Com certeza, são repetitivos, conforme toda ação de propaganda, mas, destinados a influenciar diversos tipos de público, não configuram assédio propriamente falando.

Para que haja assédio verbal, é necessário que os discursos escolham como alvo uma pessoa ou um grupo de pessoas. Já existem suficientes testemunhos de homens ou de mulheres vítimas de assédio, verdadeiros linchamentos que destroem a vida das pessoas, obrigam-nas a mudar de trabalho, de casa, ou a pedir proteção policial. Assim aconteceu com a jornalista Nadia Daam, que sofreu ataques de internautas anônimos e foi tratada de “Putá desgraçada, vou te degolar, estuprar teu cadáver e fazer a mesma coisa com tua filha”³⁵. Entretanto, esses discursos, tanto de propaganda quanto de assédio, podem não ser violentos e se expressar por meio de relatos, metáforas e declarações politicamente corretas na aparência. Razão pela qual os juízes têm, por vezes, dificuldade em punir, conforme se pode ver na jurisprudência.

No caso do *assédio sexual*, deve-se observar se as declarações feitas visam a obter, da parte de uma pessoa do sexo feminino, ou de uma criança, um

comportamento de submissão ou de consentimento em resposta a um pedido de relação sexual, acompanhado de uma ameaça (recusa de contratação, perda de emprego, desclassificação socioprofissional, etc.), ou de uma retribuição (oferta de um trabalho, de um posto, de uma função, ascensão profissional, etc.). Por exemplo, a Secretária de Estado da Igualdade entre Homens e Mulheres afirma: “O assédio sexual é uma violência fundada em relações de dominação e de intimidação, que pode se produzir no local de trabalho, mas também em outros meios (associativo, esportivo, universitário, no âmbito de tratativas para alugar um imóvel, etc.)”³⁶. O assédio pela internet tem também outra característica, porque as afirmações se tornam públicas devido à comunicação em rede; outras pessoas são testemunhas dos insultos, o que é mais humilhante e um fator que agrava o ataque à dignidade da pessoa. É isso que distingue esse tipo de assédio daquele por telefone ou por mensagens escritas, pois estas se dirigem a uma pessoa em particular, o que não impede a denúncia, desde que haja provas.

O *assédio de rua* atende às mesmas condições: deve ser repetitivo, interpelador e ofensivo à pessoa interpelada. Mais uma vez, uma ofensa dirigida pontualmente a uma pessoa de passagem não é assédio: é um ato de agressão verbal. Sua particularidade reside no fato de que as pessoas se encontram uma dian-

te da outra e que deve ser considerado o movimento no espaço em que elas se encontram: imobilidade (mesa na calçada de um Café), mobilidade (caminhando), gestual e mímica. Resta que, além da mera interpelação, deve-se ver se a qualificação elogia ou se denigre, e se ela se refere a uma característica física, psicológica ou de pertencimento social.

d) Do componente cultural

Outra dificuldade para avaliar a agressão à dignidade da pessoa interpelada reside na apreciação da interpelação em função dos hábitos e costumes culturais. Em geral, o julgamento que se faz sobre a maneira de falar depende do modo como, em cada cultura, são concebidas as relações interpessoais, as relações sociais e suas ritualizações, o valor atribuído às palavras (os socioletos), os tabus e os estereótipos. Do mesmo modo, os atos de polidez ou de elogio, de falta de polidez ou de agressão à dignidade da pessoa não são percebidos nem vivenciados da mesma maneira em todas as culturas; tampouco a interpelação de rua é vista igualmente nos diferentes contextos culturais. Isso transparece na língua, pois os termos empregados não têm a mesma significação de uma língua para outra, o que, entre outras coisas, causa problemas aos tradutores³⁷.

Em certos países do sul da Europa (Espanha, Itália), os homens interpelam

as mulheres na rua (*complimento, piro-po*), como um jogo de sedução ritualizado. Na Itália, um “*Ciao, eu sou Giorgio... Ma... Você é linda como a Torre de Pisa*”³⁸ não incomoda, porque as pessoas se falam e se relacionam facilmente nos encontros de rua, durante a *passeggiatta* (o *paseo* na Espanha), e nas mesas dos Cafés nas calçadas. Nesses países, as relações sociais são concebidas e vivenciadas de maneira muito familiar, as pessoas se falam com facilidade na rua ou nos transportes públicos sem uma razão em particular e se tratam com informalidade mesmo sem se conhecerem. Há uma espécie de desejo de convivência que não se encontra em todo lugar³⁹.

Em certos países da América Latina, como o México ou a Argentina, concebe-se com dificuldade manifestar um desacordo com o interlocutor ou expressar uma recusa, o que leva o locutor a buscar fórmulas ambíguas (“*Sí, como no*”, dizem os mexicanos mesmo quando não concordam), indiretas, que quase apagam a negação de recusa. Assim, a expressão do desacordo ou da recusa, ao contrário, será considerada como ofensiva. Em um curso sobre a ironia, mostrando o lado duramente criticado dessa forma de humor, os brasileiros presentes viram nisso uma característica do comportamento francês. Estudando com eles um *corpus* de casos de ironia no Brasil, eles se deram conta de que a figura da ironia era igualmente praticada em seu país,

mas direcionada a um terceiro, jamais ao interlocutor. Tomá-lo como alvo da ironia lhes parecia altamente agressivo.

Na França, as relações sociais do cotidiano são mais distantes. Não se interpela alguém em qualquer situação a não ser para pedir indicações do caminho. Portanto, a interpelação (“Psst!”, “Moça!”, assobios e outras exclamações) é, *a priori*, considerada inconveniente, perturbadora, até ameaçadora. Isso faz parte, de acordo com Michel Serres, de um desejo de não ser perturbado em público: “[...] na rua ou nos transportes, quero que me deixem tranquilo”⁴⁰. Ao contrário, uma certa propensão do francês para criticar e fazer comentários irônicos pode ser mal percebida por um estrangeiro, que vê nisso uma atitude de “quem quer dar lições”. Uma quebequense fala sobre o que acha arrogante no comportamento dos franceses: visitando o Arco do Triunfo, em Paris, em pleno calor do verão, ela tirou os sapatos e foi interpelada por uma policial, que lhe disse: “Senhora, calce os sapatos, por favor”. “Está certo”, reconhece a amiga quebequense. Mas a policial acrescenta: “Aqui não é a praia!”. Na opinião da canadense, isso é particularmente “insultante”, é uma maneira de “dar lições”, como um adulto faz com uma criança. Assim, os quebequenses chamam os franceses de “baita metidos!”.

Nos Estados Unidos, as coisas são ainda mais exacerbadas, pelo menos

nas universidades. O psicólogo Derald Wing Sue teorizou as “microagressões”: *microinvectivas* (atos intencionais de discriminação, como as inscrições islamofóbicas), *microinsultos* (cumprimento que salienta inconscientemente o pertencimento étnico do outro) e *microinvalidações* (denegação do sofrimento histórico do grupo minoritário), que são objeto de cartas de comportamento para os professores e de possíveis denúncias para os interessados que se considerem vítimas de discriminação. Assim, não se pode perguntar a uma pessoa de “cor negra” qual é sua origem, dizendo: “Você é de onde?”, pois isso equivaleria a lembrá-la de sua diferença em relação a uma população branca⁴¹.

Vê-se a importância do componente cultural para avaliar o teor de uma ofensa e não será surpresa – mesmo que não se aprove isso – que as caricaturas dinamarquesas de Maomé não provocaram nenhuma reação de indignação nos países laicizados e desencadearam, ao contrário, escândalo e revolta nos países muçulmanos que não separam o político do religioso, julgando que ali havia uma *blasfêmia*.

Caso de efeitos produzidos

Não se pode terminar esse percurso de interrogações sobre as condições de produção da violência verbal sem passar em revista algumas das reações possíveis

da pessoa alvo dessas interpelações ou qualificações ofensivas, insultantes ou injuriosas. Já dissemos que todo ato de linguagem depende, para seu sentido e compreensão, do sujeito que o interpreta e, portanto, de sua reação. Abordaremos alguns casos que se produzem nas relações interpessoais, com ou sem testemunhas, e de reações públicas, exceto naquelas situações em que o ofendido, vítima, se cala ou acusa de difamação o insultante.

O efeito de retorno

Diante de um insulto, um interlocutor pode, ao invés de se indignar ou de protestar, devolver o insulto de modo direto ou indireto e inverter a relação de forças. Por exemplo, responder a um insulto sobre seu físico com um “E você, já se olhou no espelho?”. Foi o que aconteceu no Canadá, no caso Eon. Em 28 de agosto de 2008, durante uma visita do presidente francês a Laval, uma pessoa balançou um cartaz diante dele, que dizia: “*Casse-toi pov’con!*”. Essa frase, como já vimos, faz referência a uma resposta que ele dera a um agricultor, no Salão da Agricultura de Paris, por ter se recusado a cumprimentá-lo. Pode-se pensar que foi um justo retorno das coisas, segundo a tática do efeito bumerangue.

No entanto, o autor desse ato, Sr. Eon, foi declarado culpado pelo tribunal de Laval⁴² e condenado a uma multa de 30

euros com *sursis*, porque se tratava de um “delito de injúria ao Presidente da República, reprimido pela lei de 29 de julho de 1881 na imprensa”, e porque o autor tivera claramente a intenção de ofender o chefe de Estado. Esse veredicto foi ratificado na apelação⁴³. Todavia, a Corte Europeia dos Direitos Humanos julgou que “A França violou a liberdade de expressão ao condenar por ofensa a Nicolas Sarkozy o homem que brandira um cartaz de papelão, em agosto de 2008, com o texto ‘*Casse-toi pov’con*’ [...]”, alegando que recorrer a uma sanção penal corre o risco de ter “um efeito dissuasivo sobre intervenções satíricas que podem contribuir ao debate sobre questões de interesse geral.”

O efeito de neutralização

O interlocutor insultado pode proceder de outro modo: seja replicando de modo humorístico, seja reivindicando o qualificativo negativo atribuído, o que, em ambos os casos, neutraliza o efeito de injúria e ridiculariza seu locutor. No primeiro caso, seria responder com um sorriso ou com ironia: “Não é mesmo?”, “Muito obrigado”, “É verdade mesmo!”, “O que você quer, a gente não muda...”, “Essas coisas são ditas de modo educado!”*. Encontramos esse tipo de réplica irônica mais uma vez no debate presidencial de 2012: Como Nicolas Sarkozy tratara seu adversário várias vezes de

mentiroso e acrescentara “Quando você diz ‘estou sempre satisfeito comigo’, que não assumo minhas responsabilidades, *é uma mentira*”, François Hollande retorquiu: “Você está muito descontente consigo mesmo. Eu devo ter me enganado, devo ter cometido um erro. Apresento minhas desculpas, você está muito descontente consigo.”*

Esta é uma das características da sociedade da Corte e dos Salões do século XVIII, testemunhada por diversas peças de teatro de Beaumarchais a Edmond Rostand, com Cyrano de Bergerac – o que Laurence Rosier chama de *efeito Cyrano*⁴⁴ - que consiste em trazer os que riem para seu lado em detrimento do outro, por meio de algum chiste. Também se assiste a isso hoje em dia nos talk shows da televisão: uma fala que busca provocar o riso, a qualquer preço, em detrimento de uma pessoa que tenha notoriedade⁴⁵.

No segundo caso, o interlocutor retoma a qualificação negativa que lhe é atribuída, reivindicando-a. Por exemplo, um homem que é tratado de machista por uma mulher responde: “E tenho orgulho de ser!”. Há muitos exemplos disso em conflitos sociais e políticos: o “*Manifeste des 343 salopes*” em resposta a uma estigmatização das mulheres que abortam; o da associação “*Les chiennes de garde*”, em resposta aos ataques e insultos sexistas. Em outro campo, lembremos do “Negro sou, negro

ficarei”⁴⁶ de Aimé Césaire, reivindicando altivamente com Léopold Senghor a *Negritude* e respondendo a quem o tratava de “negro”: “O negro o manda à merda!”. Uma maneira de inverter o estigma para magnificar o orgulho recuperado de ser negro. É também o “Populista, eu sou!”, de Jean-Marie Le Pen, da extrema-direita, e de Jean-Luc Mélenchon, da extrema-esquerda, em resposta à acusação de ser populista.

O efeito de convivência

Enfim, não se pode descartar a invectiva destinada a criar uma convivência com o interlocutor em detrimento de um terceiro insultado a distância. É o momento em que o locutor busca se livrar de uma moral bem-pensante, de um politicamente correto, solicitando o interlocutor, ou um grupo de pessoas (como ocorre no espetáculo humorístico) para que ele compartilhe a invectiva, criando assim – mesmo que de modo efêmero e ilusório – uma comunidade de pensamento. Entre outras coisas, é sobre isso que se fundamenta a inventividade da gíria com visada hermética (GUIRAUD, 1956) que, por meio de um jogo metafórico, visa a criar uma convivência de grupo. Por exemplo, quando se diz, para designar uma parte do corpo feminino (os seios): “Tem gente na sacada”. E Brassens lamenta o tempo em que se jurava “com convicção”⁴⁷, termina a canção

Saturne declarando: “E a menina daqui da frente / pode ir trocar de roupa.”*.

Essa convivência pode se manifestar por um jogo de excessos na qualificação negativa: “É uma cagona!”, diz alguém, “Uma vadia, vocês quer dizer!”*, acrescenta o outro. Mas ela pode ser mais cínica, com o locutor assumindo sua imagem de provocador. Laurence Rosier relata, em seu *Petit traité de l'insulte*⁴⁸, um diálogo extraído do filme *Le goût des autres*, entre Bacri e um amigo. O primeiro se surpreende que os jornalistas não tenham vindo à exposição e solta uma gargalhada: “Quê? Eles disseram que vinham e não vieram? São realmente uns viados!”. E o amigo responde: “Vocês quer dizer homens que se enrabam? Como meu namorado e eu?”⁴⁹ Simultaneamente, retorno, neutralização e convivência.

O efeito “paranoia”

Não se pode deixar de evocar o efeito *paranoia*, embora não se possa imputar ao locutor a intenção de insultar o interlocutor. De fato, é este que imputa ao locutor tal intenção. Observa-se que, muitas vezes, quando alguém pede informações para uma pessoa que trabalha numa empresa de transportes públicos, numa grande loja ou supermercado, ou na Polícia, ouve um “Bom dia!” bem marcado, com uma pausa como se esperasse a reciprocidade, ainda que a pergunta

tenha sido feita com precaução (“Com licença”, “Por favor”, “Desculpe-me”). Uma mente detalhista poderá interpretar essa reação como “Você não disse bom dia. Você é mal-educado. Espero que você diga ‘bom dia’ para lhe responder.” Efeito duplo de vexação para o interlocutor, e de arrogância para o locutor, que se coloca na posição de dar lições. Muitos quebequenses testemunharam que, em certa época, quando iam à França e pediam “pão francês” em uma padaria, ouviam como resposta: “Que pão você acha que eu faço?”. As imputações de intenção podem ser feitas nos dois sentidos.

Conclusão

É difícil determinar os *motivos* e os *objetivos* da violência verbal, pois essas questões remetem a um estudo psicológico, até mesmo psicanalítico, das intenções e dos efeitos: as intenções não são necessariamente conscientes e não têm necessariamente o objetivo de “destruir o outro”, como se diz com frequência. Os motivos podem estar enraizados no inconsciente e remeter ao próprio sujeito, e até ser uma fonte de prazer coletivo na violência da revolta⁵⁰, ou do gozo sádico. Freud ressalta: “Nós pintamos esse inimigo com traços mesquinhos, vis, desprezíveis, cômicos e, graças a esse desvio, saboreamos sua derrota, confirmada pelo riso do terceiro, cujo prazer é totalmente gratuito” (FREUD,

1971, p. 152). Afinal, a violência verbal é um sintoma do mal-estar psicológico e/ou social dos indivíduos, que marca o sofrimento do agressor e do agredido. Freud tentou distinguir chiste, insulto e lapso. Lacan, Jacques Alain-Miller e outros psicanalistas o seguiram, mostrando que qualquer significante, em circunstâncias precisas, pode ser uma marca de insulto cujo fundo se encontraria no “nome do pai”⁵¹. Isso seria outro tipo de estudo, em outro campo disciplinar.

Em contrapartida, em uma problemática da *moralidade social*, tais estudos discursivos devem permitir compreender os diferentes efeitos da violência verbal, negativos e positivos, partindo do pressuposto de que a violência, em geral, é um fenômeno inscrito nas relações sociais, como força intrínseca à vida em sociedade. E a violência verbal, ela também, pode ser marca de poder ou de contrapoder, inscrevendo-se em um processo de construção identitária.

Como *marca de poder*, ela faz parte do processo de *violência simbólica* definido por Bourdieu:

A violência simbólica é esta coerção que só se institui por intermédio da adesão do dominado ao dominante (portanto, à dominação) quando não dispõe, para pensá-lo ou para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos que tem em comum com ele (BOURDIEU, 1997, p. 245).

O ato de agressão verbal testemunha então uma relação de superioridade de seu autor em relação àquele ou aquela

a quem ele se dirige, que se encontraria de fato em posição de aceitação, de consentimento ou de submissão. As manifestações da agressão verbal podem ser diversas: ofensas, explícitas ou implícitas, dirigidas a uma pessoa ou grupo; invectivas nas polêmicas entre intelectuais, que são também tentativas de se mostrar ao seu rival como aquele que detém a verdade; insultos entre políticos como meio de desqualificar o adversário; emprego de estereótipos que denigrem o outro-estrangeiro, maneira de marcar a superioridade de sua nacionalidade ou de sua etnia⁵². Nesse caso, o outro-estrangeiro é remetido à identidade de seu grupo, despojado de sua singularidade e, assim, estigmatizado⁵³. Isso pode ser dar de forma ritualizada, como os jogos verbais, nas Cortes reais (as *Preciosas**) a que aludimos, jogos valorizados e justificados como uma atividade criativa, marca de um certo *savoir-vivre*, mas que, na realidade, eram privilégio dos poderosos.

A violência verbal também pode ser uma *marca de contrapoder*. Em sua forma extrema, a violência revolucionária se justifica em nome do povo que sofre contra monarcas ou tiranos de todo tipo. Trata-se então de uma “justa violência”, a da causa do povo, dos revolucionários de 1789, e de outros momentos de levante do povo contra a opressão dos poderosos. Essa violência é frequentemente acompanhada de um

vocabulário degradante (*facho* [fascista], *gaucho* [esquerdista], *vermine* [verme], *cloportes* [porteiro], *cafards* [carola]). E também aparece nos combates políticos modernos. De maneira mais moderada, o contrapoder pode se expressar por meio de contradiscursos, discursos que se erigem contra qualquer politicamente correto, os modos e as doxas que dominam em um dado momento a vida de uma sociedade. Esses contradiscursos muitas vezes veiculam, para se fazerem ouvir, palavras violentas destinadas a provocar uma tomada de consciência social, mas que podem escandalizar. Sem contar este outro risco de inversão dos poderes, no qual o dominado se torna dominante com as mesmas armas que o anterior, não fazendo mais do que reproduzir uma situação de dominação: “Atenção para não tomar o lugar dos mestres e repetir seus defeitos”, diz a escritora guadalupense Maryse Condé⁵⁴.

A violência verbal também pode ter um *efeito de catarse*, impedindo a violência física. Primeiramente, porque “quando a gente briga a gente não se bate”; efeito salutar da fala que desempenha um papel de válvula de escape que permite à pulsão de cólera assumir uma forma concreta sem passar pela explosão física. Sua ritualização é, aliás, uma das maneiras, em certas culturas, de evitar o confronto dos corpos. Mas é verdade que, às vezes, “o insulto-provocação”⁵⁵ ou o excesso de insultos nas interações verbais

pode levar, quando atinge seu auge, a um confronto corporal. Em seguida, porque permite transgredir, sob a aparência de humor, as visões “bem pensantes” do mundo, para o bem e para o mal. Nesse caso, ela cria convivências, levando ao compartilhamento de uma violência por procuração, sem que se pareça levá-la a sério, como as eructações do Capitão Hadock nas histórias de Tintin e as brigas entre os irredutíveis gauleses dos álbuns do Asterix, que terminam sempre com um banquete festivo. Enfim, para alguns, a estigmatização verbal pode ter um efeito identitário: na complexidade do saber “quem eu sou”, diante do “quem é o outro”, e do “como o outro me vê”, a estigmatização do outro me permitiria tomar consciência de minha própria identidade. Seria uma necessidade identitária, como sugere Jean-Claude Milner: “O que significa se dizer judeu? Geralmente, eles acabam por não saber mais se são judeus ou não. Confiam então nos antissemitas, que lhes garantem seu nome pelo insulto e pelo desprezo. Foi deles que Sartre fez a análise: ele diz a verdade, mas não diz tudo.”⁵⁶

Evidentemente, também se pode pensar que a violência verbal teria a virtude, uma vez passado o momento de catarse, de desencadear *debates sociais*, sempre úteis para fazer o pensamento avançar. Mas fica-se um pouco desconcertado pela explosão de violência verbal que circula nas redes sociais, provavelmente porque

a comunicação se instaura no anonimato, entre atores sem outra identidade a não ser a de suas falas, sem responsabilidade, já que essa violência pode ser exercida impunemente. E é mesmo reivindicada, pois esta é, para os internautas, uma maneira de se libertar e de existir em “um mercado da atenção que está saturado por uma superabundância de oferta”⁵⁷.

Nas páginas do jornal *Le Monde*⁵⁸ consagradas aos fatos sociais, uma cronista descobre que um internauta fazia, impunemente, piadas mais ou menos depravadas nas redes sociais até que as hashtags “#metoo” e “#balancetonporc” o fizeram se sentir culpado, relegando-o à categoria dos “chatos de paternalismo lúbrico”. Ela sugere então: “Com o chato (o cara grosso) não deveria desaparecer *in fine* toda possibilidade de transgressão na esfera do discurso”, pois, afirma, “a piada pesada pode ter a virtude de ajudar a desconstrair socialmente e deve ser praticada tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Caso contrário, amputada da tolice, a inteligência não teria mais nenhuma folga e se tornaria um *diktat* sufocante.”⁵⁹

Estudos sobre a violência verbal, considerando as situações de comunicação, a identidade dos atores e o contexto cultural, deveriam permitir evitar globalizar o fenômeno, mesclar as situações de emprego, fazer julgamentos generalizantes a partir de casos particulares. Esses

estudos deveriam permitir compreender melhor o que acontece nas relações sociais e nas relações de força que as permeiam, relações de força constitutivas da identidade dos indivíduos. Enfim, tais estudos deveriam permitir não confundir discurso militante e discurso científico, pois cada um tem sua razão de ser, mas não devem se instrumentalizar reciprocamente. Disso depende a sobrevivência do saber.

Réflexions pour l'analyse de la violence verbale

Résumé

C'est donc à une réflexion sur la façon d'aborder l'analyse de la violence verbale à laquelle on s'attachera dans cet exposé. Il existe toutes sortes de violences adressées à toutes sortes de personnes. Dans une discipline de corpus, telle que les sciences du langage, l'étude d'une question implique de commencer par une exploration du matériau langagier à partir duquel sera construit le corpus. Il s'agit d'observer ce qui se dit dans les médias, ce qui circule dans les réseaux sociaux, blogs, forums, tweets, etc.¹, et ce qui s'entend dans les conversations, afin de prendre acte de ce que l'on appelle le *discours ordinaire*. Des études sur la violence verbale, en tenant compte des situations de communication, de l'identité des acteurs et du contexte culturel, devraient permettre d'éviter de globaliser le phénomène, d'amalgamer les situations d'emploi, de porter des jugements généralisants à partir de

cas particuliers. De telles études devaient permettre de mieux comprendre ce qui se joue dans les relations sociales et les rapports de force qui les traversent, rapports de force constitutifs de l'identité des individus.

Mots-clés: Violence verbale. Médias. discours ordinaire. Conditions de production. Acte de langage.

Notas

- * Texto original: *Réflexions pour l'analyse de la violence verbale*. Tradução de Patrícia Reuillard (UFRGS); coordenação de Ernani Cesar de Freitas (UPF/PPGL).
- ¹ Não discutiremos a distinção entre “redes sociais” e “mídias sociais”.
- ² Não discutiremos a distinção entre “noção” e “conceito”.
- ³ Ver on-line: “Stop-violences-femmes.gouv.fr”.
- ⁴ Mas o corpo também pode se ressentir pelo fenômeno de somatização.
- ⁵ Ver *Le Monde*, 9-10 de dezembro de 2018.
- ⁶ Ver on-line: “La violence verbale et psychologique dans le couple”.
- ⁷ *Le Monde*, 6 de dezembro de 2018.
- ⁸ Sobre isso, não se deve fazer uma distinção ou uma assimilação entre violência verbal e violência psicológica, como afirmam certos blogs de aconselhamento (ver site: “Violence que faire”). O psicológico não é um ato de violência, é um estado, consequência da violência verbal.
- ⁹ E as vítimas dessas agressões verbais se enganariam ao não se sentirem legítimas a denunciá-los. Ver Anne-Laure Buffet, *Victimes de violences psychologiques: De la résistance à la reconstruction*, Le passeur, 2016.
- ¹⁰ Ver Eric Beaumatin, “Le trait “privé”/“public” en matière d’injure et de délits connexes: Remarques linguistiques sur une distinction du droit français”, in Desmons E., Paveau M-A., *Outrages, insultes, blasphèmes et injures: violences du langage et polices du discours*, Paris, L’Harmattan, 2008, p.74.
- ¹¹ Rosier L., *Petit traité de l’insulte*, Loverval, Ed. Labor, 2006.
- * Considerando que os traços semânticos das palavras que veiculam insulto nem sempre coincidem entre a língua francesa e portuguesa e que o autor do texto discute seu uso e valor em francês, mantivemos os exemplos nessa língua com seu valor em português entre colchetes. Nos outros casos, recorremos à metatradução, com o original no rodapé, quando julgamos pertinente (nota de trad.)
- ¹² *Dictionnaire historique de la langue française*, 1994.
- * Os adjetivos pejorativos *con*, *conne*, *connard*, *connasse*, *connaud*, etc. se originam em *con*, que se refere ao órgão sexual feminino (nota de trad.)
- ¹³ Robert Edouard elencou *insultes* e *imprecações* em seu *Dictionnaire des injures*, Paris, Tchou, 1973, propondo um modo de usar (“manual do saber insultar”).
- * “on fait injure à quelqu’un”, “on injurie quelqu’un”/ “on insulte quelqu’un”.
- * “Merde, alors! Tu aurais pu te taire!”.
- * Entre os crimes contra a honra, a legislação brasileira emprega o termo “injúria” (nota de trad.).
- ¹⁴ Foi por isso que o cantor Gainsbourg causou escândalo quando cantou *La Marseillaise etcé-téra*.
- ¹⁵ *Dictionnaire historique de la langue française*, op.cit.
- * “Vous lui faites offense!” / “C’est une insulte!”.
- * “Vous m’offensez” / “Vous m’insultez”.
- ¹⁶ Em contrapartida, está inscrito no código penal espanhol.
- ¹⁷ Ver *Le Petit Robert*, edição 2009.
- ¹⁸ *Dictionnaire historique*, op. cit.
- ¹⁹ Ver a distinção que fazemos entre controvérsia e polêmica, in *Le Débat public. Entre controverse et polémique*, Lambert-Lucas, Limoges, 2017.
- * “Rastignac professionnel de très haut niveau”. Referência a um personagem da Comédia Humana, de Balzac, jovem e arrivista (nota de trad.).
- * “Ah, mon salaud, il y a longtemps qu’on ne s’est vu” / “Viens, ici, sale petite frimousse” / “Écoute, petite crapule”.
- * O compositor elenca nesta canção uma série de insultos (nota de trad.)
- * “Tu ne changeras pas, tu seras toujours pareil!” / “Tu n’as pas les yeux en face des trous!” / “Vous ne savez que répéter toujours la même chose!” / “Vous manquez de tenue!” / “C’est une trahison, c’est un vol!”.
- ²⁰ Ver “Violence verbale: ces phrases qui peuvent marquer à jamais vos enfants”, on-line <http://www.europe1.fr/>.

- ²¹ Sobre isso, ver “Problemas teóricos y metodológicos en los estudios de la oralidad aplicados a la cortesía: aspectos lingüísticos, pragmáticos y discursivos”, in Escamilla J. y Granfield H. (ed.) *Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico*, Programa EDICE, Barranquilla, Universidad del Atlántico, 2012, p.13-32, e “Étude de la politesse, entre communication et culture”, in Cozma A.-M., Bellachhab A., Pescheux M. (dir.), *Du sens à la signification. De la signification aux sens. Mélanges offerts à Olga Galatanu*, Bruxelles, 2014, pp. 137-154.
- * Em francês, o feminino de treinador, *entraîneuse*, significa uma mulher que serve de isca para atrair os homens, por exemplo, em um bar (nota de trad.)
- * O escândalo francês do *Mur des Cons* se refere a um painel na parede do sindicato dos magistrados, fotografado por um jornalista, onde se misturavam fotos de personalidades públicas, políticos, sobretudo da Direita, mas também pais de vítimas de assassinatos. O sindicato foi condenado por ofensa pública (nota de trad.).
- ²² *Le Monde*, 6 de dezembro de 2018.
- * “Casse-toi, pauv con!”.
- * “Vieux pépère, va au cimetière”.
- * “Petit con!”.
- * Em português, poderíamos citar *chucrute* para os alemães e *turco* para todas as etnias de origem árabe (nota de trad.)
- * “Espèce de salaud!” / “Sale con que tu es!” / “Bande de terroristes”, “Bande de connards!”
- * “Allez dire [...] que nous avons fait des cadeaux aux riches, c’est une calomnie, c’est un mensonge!”
- * “Vous êtes un petit calomniateur!” / “Merci de votre arrogance” / “[...] “quel père la vertu vous faites!”
- ²³ Ver nosso “Le débat présidentiel. Un combat de mots. Une victoire aux points.”, revue *Langage et Société* n°151, pp. 107-129.
- * “Vous êtes un incompetent!”
- * “Ça, c’est bien toi!”.
- * “Tu ne changeras pas!”.
- * “Je n’aime pas beaucoup les pédants”.
- * “A bon entendeur, salut!”.
- * “C’est comme X. Il est d’un snobisme exécrable!”.
- * “J’ai écouté monsieur Hollande, c’est assez classique ce qu’il a dit” “D’abord, monsieur Hollande connaît mal l’Europe (...)”; “Alors, sur le traité, mais monsieur Hollande, pardon, invente le fil à couper le beurre!”
- ²⁴ Ver “Le débat présidentiel...” op.cit.
- * A – “C’est vraiment un sale con!”. B – “Oui, tu as raison”; A – “Comment peut-on se comporter de façon aussi arrogante?”. B – “Que veux-tu, il se prend pour le roi du macadam!”.
- * “Vous en avez assez de cette bande de racailles? On va vous en débarrasser.”
- ²⁵ *Code Pénal*, 2007, art. 433-5.
- * “Paysan!”
- ²⁶ Jornal televisivo *Le 13h* de France 2, 15 de outubro de 2010.
- * “Pour une fois, je me suis mis à travailler comme un nègre. Je ne sais pas si les nègres ont toujours travaillé, mais enfin...”
- ²⁷ Pelo Tribunal de Justiça de Paris.
- ²⁸ Mas Napoleão I foi taxado de “demônio” (demônio), durante a Guerra de Independência Espanhola contra as tropas napoleônicas. Sobre isso, ver “Nommer l’ennemi. Lutttes politiques et guerres civiles, Espagne 1808-1823”, in *L’insulte (en) politique*, op.cit., p.145-154.
- ²⁹ Reportar-se ao número 47 da revista *Semen, Discours de la haine. Quelles stratégies de contre-discours?*, abril 2019.
- * “capitaine de pedalo”.
- * “Un mot sur vos propositions. Vous allez créer une banque publique. Formidable, elle existe déjà!”
- ³⁰ Ver nosso “L’arme cinglante de l’ironie et de la raillerie dans le débat présidentiel de 2012”, revue *Langages et Société*, n° ...; ver também Bleton-Ruget A., “Chapeau bas, messieurs les Aristocrates”, in *L’insulte (en) politique*, op.cit., p.97 ss.
- * “On m’a dit qu’il y avait des Juifs dans la salle” / “Naguère encore, les juifs avaient les lobes des oreilles pendants, les doigts et le nez crochus, et la bite à col roulé. Mais de nos jours ils se font raboter le pifet raccourcir le nom pour passer inaperçus” / “Aux heures de pointe, dans le métro à Paris, le nombre de salopes! Bon assez parlé d’amour”.
- ³¹ Para compreender o caso Dieudonné e as razões que o levam a ser condenado às vezes, ver “L’humour de Dieudonné: le trouble d’un engagement”, in Charaudeau P. (dir.), *Humour et engagement*, Limoges, Lambert-Lucas, 2015, p.135-181.
- ³² Cavanna, o criador de *Hara-Kiri* e de *Charlie-Hebdo*.
- ³³ *Dicionário Petit Robert*, Le Robert, 2009.

- ³⁴ A lei, em seu título II: “disposições relativas aos delitos de assédio sexual e moral”, insiste, no artigo 11, sobre o caráter repetitivo das declarações ou comportamentos.
- * “*sale pute, je vais t’égorger, violer ton cadavre et faire de même avec ton enfant*”.
- ³⁵ Ver *Le Monde*, Supplément *L’Époque*, de 6-7 maio de 2018.
- ³⁶ Secretaria de Estado da Igualdade entre Mulheres e Homens, (*Stop-violences femmes*), on-line.
- ³⁷ “Con” e “coño”, “merde” e “mierda” não têm o mesmo emprego nem a mesma significação em francês e em espanhol.
- ³⁸ As estatísticas mostram que, na Itália, rencontrent de rue et peu d’étude ou de profession (Ver *L’Obs* n°2801, 12/07/18).
- ³⁹ Ver a reportagem sobre “La drague dans le monde” [A paquera no mundo], in *L’Obs* n° 2801, de 12/07/2018.
- ⁴⁰ Ver M. Serres, in *Le Monde*, 12-13/08/18.
- * “*maudits baveux*”.
- ⁴¹ Ver sobre isso a reportagem publicada em *Le Monde*, 1º de dezembro de 2018.
- ⁴² Em 6 de novembro de 2008.
- ⁴³ Em 24 de março de 2009 pelo Tribunal de Apelação de Angers.
- * “*N’est-ce pas?*”, “*Merci beaucoup!*”, “*Ça, c’est bien vrai!*”, “*Que voulez-vous, on ne se refait pas*”.
- “*Qu’en termes galants, ces choses-là sont dites!*”
- * “*Quand vous dites ‘je suis toujours content de moi’, que je ne prends pas mes responsabilités, c’est un mensonge*”, “*Vous êtes très mécontent de vous. J’ai dû me tromper, j’ai dû faire une erreur. Je me mets à présenter mes excuses, vous êtes très mécontent de vous.*”
- ⁴⁴ *Petit traité de l’insulte*, op.cit, p. 76.
- ⁴⁵ Ver, entre outros, o programa *On n’est pas couché*, no canal francês France 2.
- ⁴⁶ *Nègre je suis, nègre je resterai*, Livro de entrevistas com Françoise Vergès, Paris, Albain Michel, 2005.
- ⁴⁷ *La ronde des jurons*.
- * “*Et la petite pisseuse d’en face / Peut bien aller se rhabiller*”.
- * “*C’est une pétéuse!*”, “*Une pétasse, tu veux dire!*”
- ⁴⁸ *Petit traité de l’insulte*, op.cit.
- * “*Quoi? Ils ont dit qu’ils venaient et i sont pas venus? Ce sont vraiment des PD!*”; “*Vous voulez dire des hommes qui s’enculent? Comme mon ami et moi?*”.
- ⁴⁹ *Ibid.*, p.74.
- ⁵⁰ Ver “L’alchimie de la violence émeutière”, in *Le Monde*, 5 de dezembro de 2018.
- ⁵¹ “Lacan diz que o insulto é a primeira e a última palavra”, in J.-A. Miller, *Le Banquet des Analystes, L’Orientation lacanienne*, curso de 1989-1990.
- ⁵² Ver Dornel L., “L’insulte xénophobe en France au XIX^e siècle”, in *L’Insulte (en) politique. Europe*, op.cit. p.117.
- ⁵³ *Ibid.*, p.118.
- * Movimento e moda literária, na França do século XVII, que visava a embelezar a língua francesa (nota de trad.).
- ⁵⁴ Entrevista no *Le Monde* de 9-10 de dezembro de 2018. Ela lembra que “Fanon dizia que o colonizado é um invejoso. Tudo com que ele sonha é tomar a mulher do colono e trepar com ela. Eu não gostaria que as mulheres se refugassem em uma posição de dominantes que as satisfizesse e que elas deixassem de questionar o mundo e a elas próprias”.
- ⁵⁵ Ver “L’insulte xénophobe en France au XIX^e siècle”, op.cit. p.113.
- ⁵⁶ Jean-Claude Milner, entrevista na revista *Actualité Juive*, le 31/11/2017.
- ⁵⁷ Nathalie Heinich, in *Le Monde*, 27-28 maio 2018.
- ⁵⁸ *Le Monde*, 27-28 maio 2018.
- ⁵⁹ Natacha Henry, *Les Mecs lourds ou le paternalisme lubrique*, Robert Laffont, 2003.

Referências

ADER, B. “Les ‘lois du genre’ du discours humoristique. In: CHARAUDEAU, P. (dir.) *Humour et engagement politique*, Limoges Lambert-Lucas, 2015, p.183-195.

BARTHES, R. *Roland Barthes par roland barthes*, Seuil, 1975.

BEAUMATIN, E. et “Le trait “privé”/“public” en matière d’injure et de délits connexes: Remarques linguistiques sur une distinction du droit français”, In: DESMONS E., Pavau M-A., *Outrages, insultes, blasphèmes et injures: violences du langage et polices du discours*, Paris, L’Harmattan, 2008. p.71-89.

BLETON-RUGET, A. “ ‘A bas les ruraux’. Polémiques et politique autour de la repré-

sensation nationale en France (février-juillet 1871), In: BOUCHET, Th., LEGGET, M., p. VIGREUX, J., et VERDO G., *L'Insulte (en) politique. Europe et Amérique latine du XIX^e siècle à nos jours*, éditions universitaires de Dijon (EUD), 2005. p. 93-101.

BOUCHET, Th. "À la recherche de l'insulte (en) politique". In: BOUCHET, Th., Leggett M., Vigreux J., et Verdo G., *L'insulte (en) politique. Europe et Amérique latine du XIX^e siècle à nos jours*, Éditions universitaires de Dijon, 2005. p. 8-12.

_____. LEGGETT M., VIGREUX J., et VERDO G., *L'Insulte (en) politique. Europe et Amérique latine du XIX^e siècle à nos jours*, éditions universitaires de Dijon (EUD), 2005.

BOURDIEU, P. *Méditations Pascaliennes*, Paris, Le Seuil, 1997.

BUFFET A.-L., "La violence verbale est meurtrière", In: LIGNE, *C'est la vie*, édition FR. BUFFET A.-L., *Victimes de violences psychologiques : De la résistance à la reconstruction*, Le passeur, 2016.

CÉSAIRE, A. *Nègre je suis, nègre je resterai*, Livre d'entretiens avec Françoise Vergès, Paris, Albain Michel, 2005.

CHARAUDEAU, P. "Étude de la politesse, entre communication et culture". In: COZMA, AM; BELLACHHAB, A; PESCHEUX, M. (dir.), *Du sens à la signification. De la signification aux sens. Mélanges offerts à Olga Galatanu*, Bruxelles, 2014, pp. 137-154.

_____. "Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière". In: CHARAUDEAU, P. (dir.), *Identités sociales et discursives du sujet parlant*, L'Harmattan, Paris, 2009.

_____. "L'arme cinglante de l'ironie et de la raillerie dans le débat présidentiel de 2012", *Revue Langage & Société* n° 146, 2013. p. 35-47.

_____. "L'humour de Dieudonné : le trouble d'un engagement", In: CHARAUDEAU,

P. (dir.). *Humour et engagement*, Limoges Lambert-Lucas, 2015. p. 135-181.

_____. "Le débat présidentiel. Un combat de mots. Une victoire aux points.", revue *Langage et Société*, n.151, p. 107-129.

_____. "Problemas teóricos y metodológicos en los estudios de la oralidad aplicados a la cortesía : aspectos lingüísticos, pragmáticos y discursivos", In:

ESCAMILLA, J.; GRANFIELD, H. (ed.) *Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico*, Programa EDICE, Barranquilla, Universidad del Atlántico, 2012. p. 13-32.

_____. *Le Débat public. Entre controverse et polémique. Enjeu de vérité, enjeu de pouvoir*, Lambert-Lucas, Limoges, 2017.

CHASTAING, M. "La psychologie des jurons", *Journal de Psychologie morale et politique*, n. 3-4, 1976, p. 443-468, 27.

_____. en collaboration avec ABDI, H. "Psychologie des injures", *Journal de Psychologie morale et politique*, n. 1, 1980, p. 31-62.

DICTIONNAIRE, *Dictionnaire historique de la langue française*, Le Robert, 1994.

DICTIONNAIRE, *Le Petit Robert*, édition 2009.

DORNEL, L. "L'insulte xénophobe en France au XIX^e siècle". In: BOUCHET, Th; LEGGETT, M; VIGREUX, J; VERDO, G. *L'Insulte (en) politique. Europe et Amérique latine du XIX^e siècle à nos jours*, éditions universitaires de Dijon (EUD), 2005, p. 111-120.

EDOUARD, R. *Dictionnaire des injures*, Paris, Tchou, 1973.

FEREZ, M. "Des policiers à l'école, une solution "poudre aux yeux", *Le Monde*, 2018.

FREUD, S. *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, Paris, Gallimard, 1971.

GUIRAUD, P. *L'argot*, Paris, PUF, coll. "Que sais-je ?", 1956.

_____. *Les gros mots*, Paris, PUF, coll. “Que sais-je ?”, 1975.

HENRY, N. *Les Mecs lourds ou le paternalisme lubrique*, Robert Laffont, 2003.

HERTER, A.-V. *Le cri du corps*, Paris, éd. Michalon, 2018.

HIRIGOYEN, M.-F. *Le harcèlement moral*, Pocket, 2006.

HOCQUELLET, R. “Nommer l’ennemi. Lutttes politiques et guerres civiles, Espagne 1808-1823”. In: BOUCHET, Th; LEGGETT, M; VIGREUX J; VERDO, G., *L’Insulte (en) politique. Europe et Amérique latine du XIX^e siècle à nos jours*, éditions universitaires de Dijon (EUD), 2005, p. 145-154.

HUSTON, N. *Dire et interdire*, Paris, Payot, 1980, p.94.

LARGUECHE, É. *L’effet injure. De la pragmatique à la psychanalyse*, Paris PUF, 1983.

LARGUECHE, É. *L’injure à fleur de peau*, Paris, L’Harmattan, 1993.

MILLER J.-A., *Le Banquet des Analystes, L’Orientation lacanienne*, cours de 1989-1990.

LARGUECHE, É. *De la syntaxe à l’interprétation. Quantités, insultes, exclamations*, Paris, Seuil, 1978.

NASR, R. *Les violences conjugales : étude comparative entre Liban, France et Canada*, en ligne: theses.univ-lyon2.fr/documents/getpart.php?id=lyon2. Accès dans: 20 août 2019.

ROSIER, L. *Petit traité de l’insulte*, L’overval, Ed. Labor, 2006.

RUWET, N. *Grammaire des insultes et autres études*, Paris, Seuil, 1982.